

Sobre Religião¹

Friedrich Hölderlin

Tradução de André Felipe Gonçalves Correia*

Doutorando em filosofia pela UFRJ. Bolsista CNPq. E-mail: felgorreia@hotmail.com

Tu me perguntas ainda quando os homens, conforme sua natureza, se elevam acima da necessidade, e, assim, se encontram em um relacionamento mais variegado e íntimo com seu mundo; quando eles, na medida em que se elevam acima das necessidades física e moral, vivem sempre uma vida humanamente superior, de maneira a haver entre eles e seu mundo uma *conexão* mais elevada – maior do que uma conexão mecânica –, um *destino* mais elevado; e ainda quando efetivamente essa conexão superior é para eles o mais sagrado, uma vez que nela eles mesmos e seu mundo, e tudo o que têm e são, se sentem reunidos; por que exatamente se lhes *representam* a conexão entre eles mesmos e seu mundo, por que eles têm de fazer para si uma ideia ou uma imagem de seu destino, o qual, considerado de perto, nem se deixa pensar adequadamente e, tampouco, se encontra perante os sentidos?

Assim tu me perguntas, e eu apenas posso te responder que o homem se eleva acima da necessidade quando ele quer e pode se *recordar* de seu destino e

¹ Tradução de HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke: Kleine Stuttgarter Ausgabe*. Hrsg. Von F. Beissner (ed.). Stuttgart Kohlhammer, 1958 (Band 4), S. 287-93. O texto, provavelmente datado de 1799, faz parte do espólio teórico de Hölderlin, o qual só viera a lume em 1911, com a primeira edição crítica da obra completa do autor, encabeçada por Norbert von Hellingshuth. O manuscrito do texto foi encontrado com uma série de lacunas, algo comum aos textos desse espólio, os quais, em grande parte, eram destinados à publicação na revista literária que o autor pretendia fundar, a *Iduna*. Um outro aspecto importante se verifica logo no primeiro parágrafo, qual seja, o formato epistolar da exposição dos conteúdos, algo caro à época e que assumira forma lapidar em seu *Bildungsroman* intitulado *Hipérion ou o eremita na Grécia*. A despeito dessas incompletudes, o vigor da exposição e do pensamento não desfalece, de modo que pode ser considerado um dos textos mais importantes da época do romantismo e do idealismo alemães. *Sobre religião* pode ser lido junto com o texto *O mais antigo programa-sistema do idealismo alemão* (elaborado juntamente com Hegel e Schelling, então colegas de seminário), de 1796-7, dado o desdobramento e defesa da *Bildung* mítico-poética na cultura, visando à liberdade individual e à comunhão dos homens por intermédio da crítica à analiticidade da razão, isto é, ao pensamento perpassado por cisões. Uma outra sugestão seria o cotejo da parte que trata dos mitos épico, dramático e lírico com o texto *Mistura dos gêneros poéticos*, de 1800. O texto da edição alemã, que consta na sequência da tradução para o português, vale a nível de citação, ou seja, apenas para fins acadêmicos e não comerciais, sem qualquer intenção de desrespeitar eventuais direitos da editora ou do editor.

ser *grato* pela sua vida; que ele sente sua mais reiterada conexão com o elemento em que se move também de modo mais reiterado; que ele, na medida em que se eleva – em sua operatividade e nas experiências a ela atreladas – acima da necessidade, também experiencia uma satisfação mais infinita e mais reiterada do que a satisfação das necessidades; se, doutro modo, sua atividade for de tipo apropriado, sem excessos de alcance *para ele*, para suas forças e sua habilidade; se ele não for por demais irrequieto, por demais indeterminado, nem, por outro lado, muito temeroso, muito limitado, muito moderado. Mas se o homem atira-se a isso de modo apropriado, assim, haverá para ele, em cada esfera que lhe é peculiar, uma vida maior do que uma vida de necessidades, uma vida superior, por conseguinte, uma satisfação maior do que uma satisfação de necessidades, uma satisfação mais infinita. Portanto, tal como cada satisfação é uma pausa momentânea da *vida efetiva*, assim também o é uma tal satisfação mais infinita, apenas com a grande diferença de que à satisfação das necessidades segue-se uma *negativa*, como p. ex. os animais, que habitualmente dormem quando estão fartos, ao passo que a uma satisfação mais infinita, embora também haja uma pausa da *vida efetiva*, segue-se uma vida no espírito; e que a força do homem repete no espírito a vida efetiva que dava satisfação a ele, até que a perfeição e imperfeição peculiar dessa repetição espiritual o impulsione novamente à vida efetiva. Eu digo que aquela conexão mais infinita – maior do que aquela de necessidades –, aquele destino mais elevado – que o homem experiencia em seu elemento –, é também sentida por ele de modo mais infinito, o satisfaz de modo mais infinito, e que a vida espiritual advém dessa satisfação, onde ele de certa maneira repete sua vida efetiva. Contudo, na medida em que há, em sua vida efetiva, uma conexão mais elevada e mais infinita entre ele e seu elemento, essa não poderá ser repetida nem enquanto mero *pensamento* nem enquanto mera *memória*, pois o mero pensamento, por mais nobre que seja, pode apenas repetir a *conexão necessária*, apenas as inabaláveis, unânimes e imprescindíveis leis da vida, e, justamente no ponto em que ele se arrisca para além desse domínio que lhe é peculiar e ousa pensar a conexão mais íntima da vida, ele denega também seu caráter peculiar, que consiste no fato de que ele pode ser compreendido e comprovado sem exemplos particulares. Aqueles relacionamentos mais infinitos da vida – mais do que os necessários – também podem ser pensados, mas não *meramente* pensados; o pensamento não os exaure, e, se há leis superiores

que determinam aquela conexão mais infinita da vida, se há leis divinas não escritas, acerca das quais fala Antígona, quando ela, a despeito da severa proibição pública, havia sepultado seu irmão, – e tem de haver umas tais, se aquela conexão mais elevada não for exaltação –; eu digo que se há umas tais, então, na medida em que são representadas, apreendidas meramente para si e não na vida, elas são insuficientes, antes de tudo porque bem no ponto em que a conexão da vida se torna mais infinita, a atividade e seu elemento, o tipo de procedimento e a esfera na qual é contemplada, por conseguinte, a lei e o mundo particular em que ela é exercida, estão ligados mais infinitamente; e, em função disso, a lei, mesmo se fosse uma lei universal para homens civilizados, ainda assim nunca poderia ser pensada sem um caso particular, nunca abstratamente, salvo se não se quisesse tomá-la em sua peculiaridade, em sua ligação íntima com a esfera em que é exercida. E além disso, as leis daquela conexão mais infinita – na qual o homem pode se encontrar com sua esfera – sempre serão, entretanto, somente as condições para fazer aquela conexão possível, e não a própria conexão.

Portanto, essa conexão mais elevada não pode ser repetida meramente em pensamento. Pode-se, assim, falar dos deveres do amor, da amizade e da afinidade, dos deveres da hospitalidade, do dever de ser generoso para com os inimigos, pode-se falar do que se destina e do que não se destina a tal ou qual modo de vida, a tal ou qual condição, a essa ou a aquela idade ou gênero, e teremos feito efetivamente – a partir dos relacionamentos mais sutis e infinitos da vida – em parte uma moral arrogante, em parte uma etiqueta presunçosa ou ainda uma insípida regra de gosto, e acreditamos, com nossos férreos conceitos, que somos mais esclarecidos que os antigos, os quais contemplavam aquelas tênues relações como religiosas, ou seja, como relações que se tem de contemplar não tanto em si e para si, mas a partir do *espírito* que domina na esfera em que aquelas relações ocorrem. (Continuar a exposição)²

E isso é justamente o esclarecimento supremo que na maior parte das vezes nos falta. Assim, aquelas relações mais tênues e infinitas têm de ser contempladas

² Até que ponto *eles* tinham *razão*? E eles tinham razão, porque, tal como já vimos, justamente no ponto em que elevam as relações acima da necessidade física e moral, o tipo de procedimento e seu elemento estão ainda mais inseparavelmente ligados, os quais, na forma e no tipo de determinadas experiências fundamentais, podem ser pensados em absoluto. (N.A.)

a partir do espírito que domina na esfera em que elas ocorrem. Contudo, esse espírito, essa conexão mais infinita, mesmo [...]

[...] tem de conservar, e ele se refere e tem de se referir a isso e a nada mais, quando discursa acerca de uma divindade e quando fala a partir do coração e não a partir de uma memória subserviente ou a partir da profissão. A comprovação encontra-se em poucas palavras. Somente a partir de si mesmo ou unicamente a partir dos objetos que o circundam, o homem não pode experimentar que há no mundo mais do que uma engrenagem mecânica, um espírito, um deus, mas sim em um relacionamento mais vivo – elevado acima de necessidades –, no qual ele se sustenta com o que o circunda.

E, por conseguinte, cada um teria seu próprio deus, na medida em que tem sua própria esfera, na qual opera e a qual experiencia, e só na medida em que diversos homens têm uma esfera comum, na qual operam e sofrem humanamente – ou seja, elevados acima de necessidades –, só nessa medida eles têm uma divindade comum; e se há uma esfera na qual todos vivem simultaneamente e com a qual se sentem mais do que em um relacionamento de necessidades, então – mas também só nesse ponto –, todos eles têm uma divindade comum.

Quanto a isso, contudo, é preciso não esquecer que o homem pode muito bem se transferir ao registro do outro e que pode fazer da esfera do outro a sua própria esfera; é natural que isso possa incidir em um tal de maneira não tão árdua de aceitar o modo de sensação e de representação do divino que se forma a partir dos relacionamentos particulares em que o homem se sustenta com o mundo – contanto que aquela representação não seja advinda de uma vida passional, temerária ou servil, da qual sempre se forma, por consequência, uma representação igualmente necessária e passional do espírito que domina nessa vida, de modo tal que esse espírito sempre carrega a figura do tirano ou do servo. Mas também em uma vida limitada pode o homem viver infinitamente, e também a representação limitada de uma divindade – que a ele advém a partir de sua própria vida – pode ser uma representação infinita. (Expor)

Portanto, como um tal pode aceitar o limitado – porém puro – modo de vida do outro, assim, ele também pode aceitar o limitado – porém puro – modo de representação que o outro tem do divino. É, em contrapartida, uma necessidade dos homens – enquanto não estão ofendidos e aborrecidos, oprimidos e rebelados,

envolvidos em uma guerra justa ou injusta – ajuntar seus diversos tipos de representação do divino uns aos outros, tanto quanto os demais interesses, e, dessarte, dar sua liberdade à limitação que tem e precisa ter cada tipo específico de representação, na medida em que é apreendido em um todo harmônico dos tipos de representação, e, ao mesmo tempo – justamente porque em cada tipo particular de representação está outrossim o significado do modo de vida particular que cada um tem –, dar sua liberdade à necessária limitação desse modo de vida, na medida em que é apreendido em um todo harmônico dos modos de vida.

[...] e tal como ele, mais nítida ou mais obscurecidamente, o concebe em uma imagem, cujo caráter exprime o caráter da vida peculiar que cada um, a seu modo, pode viver e vive infinitamente.

[...] i.e., são tais onde os homens que neles se sustentam podem se conservar isolados uns dos outros, e que essas relações jurídicas tornam-se positivas apenas mediante sua perturbação, i.e., pelo fato de que essa perturbação não é nenhuma desídia, mas sim um ato de violência, e que, dessarte, só vem a ser impedida e limitada mediante violência e coerção; portanto, também as leis daquelas relações são, em si, negativas, ao passo que serão positivas somente sob a pressuposição de sua transgressão. No entanto, aquelas relações mais livres, enquanto são o que são e se conservam imperturbáveis, [...]

Acenos para a continuação.

Diferença de relações religiosas para com relações intelectuais, morais e jurídicas, de um lado, e, de outro, para com relações físicas, mecânicas e históricas; de maneira que, por um lado, as relações religiosas têm, em suas partes, a personalidade, a independência, a mútua limitação e a mesma coevidade negativa das relações intelectuais, e, por outro, a íntima conexão, a entrega de um ao outro e a inseparabilidade em suas partes, que caracterizam as partes de uma relação física; de maneira que as relações religiosas não são, em sua *representação*, nem intelectuais e nem históricas, mas sim histórico-intelectuais, i.e., *míticas*, tanto no que diz respeito ao seu estofo quanto à sua exposição. Assim, no que concerne ao estofo, elas não são abarcadas meramente como ideias, conceitos ou caracteres, nem também como meros eventos ou fatos, e ambos tampouco estão separados, mas reunidos em um, e de um modo tal que, onde as partes pessoais têm mais

peso, onde são partes principais, onde são o conteúdo interno, a apresentação, o conteúdo externo, será mais histórico (mito épico), e, onde o evento é parte principal, conteúdo interno, o conteúdo externo será mais pessoal (mito dramático). É preciso apenas não esquecer que tanto as partes pessoais quanto as partes históricas são sempre partes auxiliares em relação à parte principal propriamente dita, em relação ao *deus do mito*³.

Assim também a exposição do mito. Por um lado, suas partes estão agrupadas de um modo tal que, mediante sua limitação geral, recíproca e adequada, ninguém se sobrepõe em demasia e cada um conserva, justamente por isso, um certo grau de independência, e nessa medida a exposição comportará um caráter intelectual; por outro lado, na medida em que cada parte segue um tanto mais do que o necessário, elas conservarão, justamente por isso, aquela inseparabilidade que é própria tão só às partes de uma relação físico-mecânica.

Assim, conforme sua essência, toda religião seria poética.

Pode-se falar aqui ainda sobre a reunião de mais de uma religião em uma, onde cada um, em representações poéticas, adora seu deus e todos adoram um deus comum, onde, miticamente, cada um celebra sua mais elevada vida e todos celebram em comunhão uma vida mais elevada, a celebração da vida. Ademais, poder-se-ia falar, mais adiante, de fundadores de religião, de sacerdotes, e do que são eles desse ponto de vista; aqueles, os fundadores de religião (se não são os pais de uma família que herda o negócio e a habilidade dos mesmos), se eles [...]

³ Falta determinar o mito lírico. (N.A.)

Über Religion

Friedrich Hölderlin

Du fragst mich, wenn auch die Menschen, ihrer Natur nach, sich über die Not erheben, und so in einer mannigfaltigern und innigeren Beziehung mit ihrer Welt sich befinden, wenn sie auch, inwieweit sie über die physische und moralische Notdurft sich erheben, immer ein menschlich höheres Leben leben, so daß ein höherer mehr als mechanischer *Zusammenhang*, daß ein höheres *Geschick* zwischen ihnen und ihrer Welt sei, wenn auch wirklich dieser höhere Zusammenhang ihnen ihr heiligstes sei, weil sie in ihm sich selbst und ihre Welt, und alles, was sie haben und seien, vereiniget fühlen, warum sie sich den Zusammenhang zwischen sich und ihrer Welt gerade *vorstellen*, warum sie sich eine Idee oder ein Bild machen müssen, von ihrem Geschick, das sich genau betrachtet weder recht denken ließe noch auch vor den Sinnen liege?

So fragst du mich, und ich kann dir nur so viel darauf antworten, daß der Mensch auch insofern sich über die Not erhebt, als er sich seines Geschicks erinnern, als er für sein Leben dankbar sein kann und mag, daß er seinen durchgängigern Zusammenhang mit dem Elemente, in dem er sich regt, auch durchgängiger empfindet, daß er, indem er sich in seiner Wirksamkeit und den damit verbundenen Erfahrungen über die Not erhebt, auch eine unendlichere, durchgängigere Befriedigung erfährt, als die Befriedigung der Notdurft ist, wenn anders seine Tätigkeit rechter Art, nicht *für ihn*, für seine Kräfte und seine Geschicklichkeit zu weitaussehend, wenn er nicht zu unruhig, zu unbestimmt, von der andern Seite nicht zu ängstlich, zu eingeschränkt, zu mäßig ist. Greift es aber der Mensch nur recht an, so gibt es für ihn, in jeder ihm eigentümlichen Sphäre, ein mehr als notdürftiges, ein höheres Leben, also eine mehr als notdürftige, eine unendlichere Befriedigung. So wie nun jede Befriedigung ein momentaner Stillstand des *wirklichen Lebens* ist, so ist es auch eine solche unendlichere Befriedigung, nur mit diesem großen Unterschiede, daß auf die Befriedigung der Notdurft eine *Negative* erfolgt, wie z.B. die Tiere gewöhnlich schlafen, wenn sie satt sind, auf eine unendlichere Befriedigung

aber zwar auch ein Stillstand des wirklichen Lebens, aber daß dieses ein Leben im Geiste erfolgt, und daß die Kraft des Menschen das wirkliche Leben, das ihm die Befriedigung gab, im Geiste wiederholt, bis ihn die dieser geistigen Wiederholung eigentümliche Vollkommenheit und Unvollkommenheit wieder ins wirkliche Leben treibt. Ich sage, jener unendlichere mehr als notdürftige Zusammenhang, jenes höhere Geschick, das der Mensch in seinem Elemente erfahre, werde auch unendlicher von ihm empfunden, befriedige ihn unendlicher, und aus dieser Befriedigung gehe das geistige Leben hervor, wo er gleichsam sein wirkliches Leben wiederhole. Insofern aber ein höherer unendlicherer Zusammenhang zwischen ihm und seinem Elemente ist in seinem wirklichen Leben, kann dieser weder bloß in *Gedanken*, noch bloß im *Gedächtnis* wiederholt werden, denn der bloße Gedanke, so edel er ist, kann doch nur den *notwendigen Zusammenhang*, nur die unverbrüchlichen, allgültigen, unentbehrlichen Gesetze des Lebens wiederholen, und in eben dem Grade, in welchem er sich über dieses ihm eigentümliche Gebiet hinaus und den innigeren Zusammenhang des Lebens zu denken wagt, verleugnet er auch seinen eigentümlichen Charakter, der darin besteht, daß er ohne besondere Beispiele eingesehen und bewiesen werden kann. Jene unendlicheren mehr als notwendigen Beziehungen des Lebens können zwar auch gedacht, aber nur nicht *bloß* gedacht werden; der Gedanke erschöpft sie nicht, und wenn es höhere Gesetze gibt, die jenen unendlichem Zusammenhang des Lebens bestimmen, wenn es ungeschriebene göttliche Gesetze gibt, von denen Antigona spricht, als sie, trotz des öffentlichen strengen Verbots, ihren Bruder begraben hatte, – und es muß wohl solche geben, wenn jener höhere Zusammenhang keine Schwärmerei ist – ich sage, wenn es solche gibt, so sind sie, in so fern sie bloß für sich und nicht im Leben begriffen werden, vorgestellt werden, unzulänglich, einmal weil in eben dem Grade, in welchem der Zusammenhang des Lebens unendlicher wird, die Tätigkeit und ihr Element, die Verfahrensart, und die Sphäre in der sie beobachtet wird, also das Gesetz, und die besondere Welt in der es ausgeübt wird, unendlicher verbunden ist und eben deswegen das Gesetz, wenn es auch gleich ein für gesittete Menschen allgemeines wäre, doch niemals ohne einen besondern Fall, niemals abstract gedacht werden könnte, wenn man ihm nicht seine Eigentümlichkeit, seine innige Verbundenheit mit der Sphäre in der es ausgeübt wird, nehmen wollte. Und dann sind die Gesetze jenes unendlichem Zusammenhangs, in dem sich der Mensch mit

seiner Sphäre befinden kann, doch immer nur die Bedingungen, um jenen Zusammenhang möglich zu machen, und nicht der Zusammenhang selbst.

Also kann dieser höhere Zusammenhang nicht bloß in Gedanken wiederholt werden. So kann man von den Pflichten der Liebe und Freundschaft und Verwandtschaft, von den Pflichten der Hospitalität, von der Pflicht, großmütig gegen Feinde zu sein, man kann von dem sprechen, was sich, für die oder jene Lebensweise, für den oder jenen Stand, für dies oder jenes Alter oder Geschlecht schicke, und nicht schicke, und wir haben wirklich aus den feinern unendlichen Beziehungen des Lebens zum Teil eine arrogante Moral, zum Teil eine eitle Etiquette oder auch eine schaaale Geschmacksregel gemacht, und glauben uns mit unsern eisernen Begriffen aufgeklärter, als die Alten, die jene zarten Verhältnisse als religiöse das heißt, als solche Verhältnisse betrachteten, die man nicht so wohl an und für sich, als aus dem *Geiste* betrachten müsse, der in der Sphäre herrsche, in der jene Verhältnisse stattfinden. (Weitere Ausführung.)⁴

Und dies ist eben die höhere Aufklärung die uns größtenteils abgeht. Jene zartem und unendlichen Verhältnisse müssen also aus dem Geiste betrachtet werden, der in der Sphäre herrscht, in der sie stattfinden. Dieser Geist aber, dieser unendlichere Zusammenhang, selbst [...]

[...] halten muß, und diesen und nichts anders meint und muß er meinen, wenn er von einer Gottheit redet, und von Herzen und nicht aus einem dienstbaren Gedächtnis oder aus Profession spricht. Der Beweis liegt in wenigen Worten. Weder aus sich selbst allein, noch einzig aus den Gegenständen, die ihn umgeben, kann der Mensch erfahren, daß mehr als Maschinengang, daß ein Geist, ein Gott, ist in der Welt, aber wohl in einer lebendigeren, über die Notdurft erhabnen Beziehung, in der er stehet mit dem, was ihn umgibt.

Und jeder hätte demnach seinen eigenen Gott, insoferne jeder seine eigene Sphäre hat, in der er wirkt und die er erfährt, und nur insoferne mehrere Menschen eine gemeinschaftliche Sphäre haben, in der sie menschlich, d.h. über die Notdurft erhaben wirken und leiden, nur insoferne haben sie eine gemeinschaftliche Gottheit; und wenn es eine Sphäre gibt, in der alle zugleich leben, und mit der sie in mehr

⁴ In wie ferne hatten *sie Recht?* Und sie hatten darum recht, weil, wie wir schon gesehen haben, in eben dem Grade, in welchem die Verhältnisse sich über das physisch und moralisch Notwendige erheben, die Verfahrensart und ihr Element auch unzertrennlicher verbunden sind, die in der Form und Art bestimmter Grunderfahrungen absolut gedacht werden können.

als notdürftiger Beziehung sich fühlen, dann, aber auch nur insoferne, haben sie alle eine gemeinschaftliche Gottheit.

Es muß aber hiebei nicht vergessen werden, daß der Mensch sich wohl auch in die Lage des andern versetzen, daß er die Sphäre des andern zu seiner eigenen Sphäre machen kann, daß es also dem einen, natürlicherweise, nicht so schwer fallen kann, die Empfindungsweise und Vorstellung zu billigen von Göttlichem, die sich aus den besondern Beziehungen bildet, in denen er mit der Welt steht – wenn anders jene Vorstellung nicht aus einem leidenschaftlichen, übermütigen oder knechtischen Leben hervorgegangen ist, woraus dann immer auch eine gleich notdürftige, leidenschaftliche Vorstellung von dem Geiste, der in diesem Leben herrsche, sich bildet, so daß dieser Geist immer die Gestalt des Tyrannen oder des Knechts trägt. Aber auch in einem beschränkten Leben kann der Mensch unendlich leben, und auch die beschränkte Vorstellung einer Gottheit, die aus seinem Leben für ihn hervorgeht, kann eine unendliche sein. Ausführ.

Also, wie einer die beschränkte aber reine Lebensweise des andern billigen kann, so kann er auch die beschränkte, aber reine Vorstellungsweise billigen, die der andere von Göttlichem hat. Es ist im Gegenteil Bedürfnis der Menschen, solange sie nicht gekränkt und geärgert, nicht gedrückt und nicht empört in gerechtem oder ungerechtem Kampfe begriffen sind, ihre verschiedenen Vorstellungsarten von Göttlichem eben wie in übrigem Interesse sich einander zuzugesellen, und so der Beschränktheit, die jede einzelne Vorstellungsart hat und haben muß, ihre Freiheit zu geben, indem sie in einem harmonischen Ganzen von Vorstellungsarten begriffen ist, und zugleich, eben, weil in jeder besondern Vorstellungsart auch die Bedeutung der besonderen Lebensweise liegt, die jeder hat, der notwendigen Beschränktheit dieser Lebensweise ihre Freiheit zu geben, indem sie in einem harmonischen Ganzen von Lebensweisen begriffen ist.

[...] und wie er es deutlicher oder dunkler in einem Bilde auffaßt, dessen Charakter den Charakter eigentümlichen Lebens ausdrückt, das jeder in seiner Art unendlich leben kann und lebt.

[...] d.h. solche sind, wo die Menschen, die in ihnen stehen, insofern wohl ohne einander isoliert bestehen können, und daß diese Rechtsverhältnisse erst durch ihre Störung positiv werden, d.h. daß diese Störung kein Unterlassen, sondern eine Gewalttat ist, und eben so wieder durch Gewalt und Zwang gehindert und

beschränkt wird, daß also auch die Gesetze jener Verhältnisse an sich negativ, und nur unter Voraussetzung ihrer Übertretung positiv sind; da hingegen jene freieren Verhältnisse, solange sie sind, was sie sind, und ungestört bestehen, [...]

Winke zur Fortsetzung.

Unterschied religiöser Verhältnisse von intellektualen moralischen rechtlichen Verhältnissen einesteils, und von physischen mechanischen historischen Verhältnissen andernteils, so daß die religiösen Verhältnisse einesteils in ihren Teilen die Persönlichkeit, die Selbstständigkeit, die gegenseitige Beschränkung, das negative gleiche Nebeneinandersein der intellektualen Verhältnisse, andernteils den innigen Zusammenhang, das Gegebensein des einen zum andern, die Unzertrennlichkeit in ihren Teilen haben, welche die Teile eines physischen Verhältnisses charakterisiert, so daß die religiösen Verhältnisse in ihrer *Vorstellung* weder intellektuell noch historisch, sondern intellektuell historisch, d.h. *Mythisch* sind, sowohl was ihren Stoff, als was ihren Vortrag betrifft. Sie werden also in Rücksicht des Stoffs weder bloß Ideen oder Begriffe oder Charaktere, noch auch bloße Begebenheiten, Tatsachen, enthalten, auch nicht beedes getrennt, sondern beedes in Einem, und zwar so, daß wo die persönlichen Teile mehr Gewicht haben, Hauptpartien, der innere Gehalt sind, die Darstellung, der äußere Gehalt geschichtlicher sein wird (epische Mythe), und wo die Begebenheit Hauptpartie ist, innerer Gehalt, der äußere Gehalt persönlicher sein wird (dramatische Mythe), nur muß nicht vergessen werden, daß so wohl die persönlichen Teile als die geschichtlichen immer nur Nebenteile sind, im Verhältnis zur eigentlichen Hauptpartie, zu dem *Gott der Mythe*.⁵

So auch der Vortrag der Mythe. Ihre Teile werden einerseits so zusammengestellt, daß durch ihre durchgängige gegenseitige schickliche Beschränkung keiner zu sehr hervorspringt und jeder einen gewissen Grad von Selbstständigkeit ebendadurch erhält, und insofern wird der Vortrag einen intellektualen Charakter tragen, andererseits, werden sie, indem jeder Teil etwas weiter geht, als nötig ist, ebendadurch jene Unzertrennlichkeit erhalten, die sonst nur den Teilen eines physischen mechanischen Verhältnisses eigen ist.

So wäre alle Religion ihrem Wesen nach poetisch.

⁵ Das Lyrischmythische ist noch zu bestimmen.

Hier kann nun noch gesprochen werden über die Vereinigung mehrerer zu einer Religion, wo jeder seinen Gott und alle einen gemeinschaftlichen in dichterischen Vorstellungen ehren, wo jeder sein höheres Leben und alle ein gemeinschaftliches höheres Leben, die Feier des Lebens mythisch feiern. Ferner könnte noch gesprochen werden von Religionsstiftern, und von Priestern, was sie aus diesem Gesichtspunkte sind; jene die Religionsstifter (wenn es nicht die Väter einer Familie sind, die das Geschäft und Geschick derselben forterbt), wenn sie einem [...]